

LIBERDADE EM CARL ROGERS

Virgínia Moreira Leitão

RESUMO: Este artigo expõe o conceito de liberdade tal como concebido por Carl Rogers, analisando-o historicamente desde sua origem. Situa a Abordagem Centrada na Pessoa dentro da filosofia liberal capitalista, questionando suas implicações políticas. Critica a subjetividade deste conceito e propõe a busca de sua objetivação.

INTRODUÇÃO

"A hipótese de que possuímos, em termos de existência, o poder de escolher é uma das temerárias consequências, do ponto de vista rogeriano, em que se atribuem ao homem a liberdade e a responsabilidade de suas opções".

Rachel L. Rosenberg

A Abordagem Centrada na Pessoa acarreta em seu bojo o tema da liberdade, implícito na base da proposta de Carl Rogers. Sua crença na liberdade do homem leva-o a desenvolver uma psicoterapia que chega a ser chamada de terapia da liberdade.¹

Mas que liberdade é essa tratada por Carl Rogers? Como ela é conceituada por ele? Qual sua origem histórica? Quais suas implicações políticas?

Este trabalho é uma tentativa de refletir sobre essas questões.

1. GONDRA, José Maria. *La Psicoterapia de Carl Rogers*. España, Desclee de Bilbao, 1970.

1. PESSOA E LIBERDADE

Não é por acaso que a Abordagem Centrada na Pessoa encontra-se impregnada pelo tema da liberdade. Uma perspectiva histórica mostra que o conceito de liberdade encontra-se intimamente associado ao conceito de pessoa, cuja origem etimológica — máscara, na tragédia grega — evoluiu seu significado para papel social e, por fim, para homem livre.

Na Civilização Antiga, inexistia a noção de pessoa, tal como hoje a conhecemos, associada à liberdade, visto que o homem antigo não tinha poder de escolha, devendo submeter-se ao culto da "polis".² Na Grécia Clássica, o homem livre era aquele que participava da vida política da cidade. Os romanos introduziram os primeiros traços da atual noção de liberdade individual: a liberdade civil. Assim, na Antiguidade, inexistia a noção de pessoa, não existindo, igualmente, a noção de liberdade individual.

É somente com o Cristianismo que a noção de pessoa se configura de forma mais concreta, a partir da idéia de liberdade e igualdade entre todos os homens.

Entre os pensadores cristãos, podemos citar São Tomás de Aquino como o grande representante da idéia do homem livre por sua própria natureza, idéia que reaparece no século XVIII, com os iluministas, fielmente representados por Rousseau. O significado da noção de pessoa enquanto homem livre encontra-se, ainda, no final do século XVIII, através do pensamento de Adam Smith,³ criador da economia política, base da filosofia capitalista. Com a exaltação da liberdade individual, na corrente empirista, encontramos Stuart Mill,⁴ que influencia fortemente o pensamento liberal burguês, preocupando-se em mostrar a importância da liberdade individual no sentido de encorajar o crescimento do *homo aeconomicus*.

Desembocamos, assim, no surgimento do Estado Liberal Capitalista, cuja base encontra-se na idéia de liberdade, que perpassa a noção capitalista de pessoa. Sua filosofia básica — liberdade individual de escolha e de opções — pressupõe a idéia de pessoa enquanto homem livre para competir. A libertação espiritual do homem, iniciada pelo Cristianismo, tem continuidade, no Capitalismo, em uma dimensão intelectual, social e política, através da "liberdade econômica".⁵

2. FUSTEL DE COULANGES, Numa Denis. *A Cidade Antiga*. São Paulo, Hemmus, 1986.

3. SMITH, Adam. *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

4. MILL, Stuart. *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1979.

5. FROMM, Erich. *O Medo à Liberdade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

Perpetua-se, no Capitalismo, a noção de pessoa enquanto homem livre, visando a atender às necessidades do próprio sistema de produção e a acumulação do capital, partindo do pressuposto que todos os homens são livres para competir em igualdade de condições, o que é, evidentemente, uma grande ilusão.

O homem, no sistema capitalista, vive uma liberdade fictícia. Supondo-se, livre, já que isto é pregado pelo sistema em que vive, ele é, ao contrário, prisioneiro deste mesmo sistema, contribuindo para mantê-lo. Torna-se dependente dos meios de comunicação de massa, de uma sociedade de consumo que passa a determinar suas necessidades. Sua suposta liberdade é aniquilada pelo mesmo sistema social que a prega. Esse homem capitalista, que se crê livre, é prisioneiro do sistema no mais íntimo do seu ser. É aquele que nunca tem tempo para fazer as coisas que lhe dão prazer porque tem sempre compromissos com a sociedade, com o capital. É aquele que sempre consome mais do que pode, que está sempre devendo dinheiro, deixando-se engolir pela propaganda do consumo. É aquele que passa a priorizar o ter, negligenciando, cada vez mais, o seu ser. Esse homem, que se pensa livre, nada tem de livre.

2. A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

2.1. Da Fundamentação

A Abordagem Centrada na Pessoa tem como pressuposto básico a concepção de pessoa enquanto homem livre, que acabamos de expor e criticar. Enquanto representante da Psicologia Humanista, pode ser melhor compreendida em seu contexto cultural, cuja gênese encontra-se no liberalismo. Surge como uma reação liberal ao conservadorismo do Behaviorismo e da Psicanálise.⁶ A Psicanálise, voltada para determinações inconscientes, encara o comportamento humano como fruto de fatores inconscientes. O Behaviorismo defende uma concepção de homem enquanto um ser condicionado pelo meio, através de estimulações externas.

Assumindo uma posição contrária ao determinismo mecanicista, que infere o comportamento humano a partir de forças externas, a psicologia da pessoa parte das propriedades internas ou das tendências pessoais, enfocando a pessoa enquanto um conjunto de condições in-

6. BUSS, Alan. Humanistic Psychology as liberal ideology: The social roots of Maslow's Theory of Self Actualization. In: MAY, Rollo, ROGERS, Carl et alii. *American Politics and Humanistic Psychology*. Dallas, Saybrook Publishing Company, 1984.

ternas, concatenadas em uma unidade.⁷ Esta pessoa é vista como um indivíduo consciente, capaz de optar, livre.

A fundamentação filosófica da Abordagem Centrada na Pessoa é, portanto, essencialmente existencialista: o homem é o que ele faz, um projeto que se vive subjetivamente. "Assim", diz Sartre, "o primeiro esforço do Existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir total responsabilidade de sua existência".⁸

Para o existencialismo sartriano, o homem é liberdade, mas é também angústia. Está condenado a ser livre, na medida em que não criou a si mesmo, mas é responsável pelo que fizer, tendo o destino em suas próprias mãos.

O pessimismo sartriano, no entanto, não aparece na psicologia humanista. O existencialismo de Rogers e de outros autores humanistas norte-americanos está expurgado das feições européias de melancolia de guerra, preservando um otimismo que pode funcionar como fonte de alienação de uma realidade de classes, atuando como uma psicologia conformista.⁹

Rogers não se vê como conformista. Protesta, ao contrário, contra os valores da sociedade do século XX e idealiza o surgimento de uma nova pessoa no futuro: o homem realmente livre, que ele não encontra na sociedade capitalista ocidental. Mas seu protesto não vai à raiz do problema, não questionando os fundamentos sociais nem a sociedade que produz a alienação do homem.¹⁰ Acredita que a partir da transformação pessoal ocorrerá uma transformação social e é neste sentido que desenvolve sua teoria, buscando o crescimento pessoal.

2.2. Da Teoria

A Abordagem Centrada na Pessoa, como sugere a própria denominação, defende a pessoa como o centro das preocupações, como o fim básico.

Rogers defende a pessoa como sendo, em essência, um organismo digno de confiança, na medida em que ela traz, em si mesma, uma tendência natural a desenvolver-se de forma construtiva e positiva. Esta tendência espontânea, presente em todos os organismos vivos, é chamada de tendência atualizante, fundamento sobre o qual está construída a Abordagem Centrada na Pessoa. Rogers a descreve como um

7. RUBINSTEIN, S L. *El Ser y la Conciencia*. La Habana, Editorial Pueblo y Educación. 1979.
8. SARTRE, J.P. e FERREIRA, V. *O Existencialismo é um Humanismo*. Lisboa, Ed. Presença Ltda., 1970, p. 218.
9. JACOBY, Russel. *Amnésia Social: Uma Crítica à Psicologia Conformista de Adler e Laing*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
10. GONDRA, J.M. Op. cit.

fluxo subjacente de movimento para uma realização construtiva de suas possibilidades intrínsecas (...) uma tendência natural para o desenvolvimento completo",¹¹ ou ainda como "uma tendência inerente (à pessoa) para desenvolver todas as suas potencialidades e para desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e seu enriquecimento".¹²

Esta característica fundamental, "intrínseca" e "Inerente" à pessoa, é a razão pela qual Rogers a vê como um organismo digno de confiança, que se autodesenvolve e se auto-regula de forma autônoma.

Por considerar o homem como seu próprio arquiteto,¹³ sua proposta psicoterápica, baseada neste pressuposto, visa a proporcionar condições facilitadoras à pessoa, para que ela utilize plenamente seus próprios recursos. Refere-se ao modelo de pessoa que se depreende de sua psicoterapia como o de uma pessoa que exerce plenamente as potencialidades de seu organismo, não cessando de evoluir.¹⁴ A tendência atualizante trará à tona a enorme capacidade de aprendizagem e de criatividade da pessoa, em uma atmosfera facilitadora que é o objetivo da Abordagem Centrada na Pessoa, não apenas em psicoterapia, mas também no trabalho com grupos, com comunidades, com educação, etc. Trata-se de ajudar a pessoa a dar-se conta de seu poder, participando responsabilmente de cada decisão que lhe afeta.¹⁵

Rogers fundamenta seu conceito de tendência atualizante da pessoa em um movimento universal maior, a tendência formativa, que define como "uma capacidade para a mudança súbita e criativa no sentido de estados novos e mais complexos".¹⁶ Cita trabalhos da biologia e da física que fundamentam sua existência, referindo-se a exemplos tanto da vida orgânica quanto da inorgânica, como a formação da galáxia a partir de um turbilhão de partículas, ou a for-

11. ROGERS, Carl. *Sobre o Poder Pessoal*. São Paulo, Martins Fontes, 1978, p. 17.
12. ROGERS, Carl. Definições das noções teóricas. In: ROGERS, Carl e KINGET, G. Marian. *Psicoterapia e Relações Humanas*. Vol. I, Belo Horizonte, Interlivros, 1977, p. 159.
13. ROGERS, Carl. Em retrospecto quarenta e seis anos. In: ROGERS, Carl e ROSENBERG, Rachel. *A Pessoa como Centro*. São Paulo, EPU, 1977.
14. ROGERS, Carl. O funcionamento ótimo da personalidade. In: ROGERS, Carl e KINGET, Marian. *Psicoterapia e Relações Humanas*. Op. cit.
15. ROGERS, Carl. The Person. In: MAY, Rollo; ROGERS, Carl et alii. *Politics and Humanistic Psychology*. Dallas, Saybrook Publishing Company, 1984.
16. ROGERS, Carl. Um novo mundo — uma nova pessoa. In: ROGERS, Carl et alii. *Em Busca de Vida: da Terapia Centrada no Cliente à Abordagem Centrada na Pessoa*. São Paulo.

mação da célula vida, que forma sempre colônias mais complexas.¹⁷ Na espécie humana, essa tendência se expressa quando o indivíduo progride de seu início unicelular para um funcionamento orgânico complexo em direção positiva, o que leva Rogers a comparar o desenvolvimento humano ao de uma planta, que cresce em direção ao sol.¹⁸

3. A LIBERDADE NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Uma psicoterapia que trabalha no sentido de facilitar a ativação do potencial humano inato, vendo o homem enquanto ser autônomo e responsável, tem como base a idéia de pessoa enquanto liberdade. Esta idéia, profundamente presente na terapia de Carl Rogers, faz com que sua teoria seja uma terapia da liberdade.¹⁹ O processo terapêutico visa a aprendizagem de ser livre, ou seja, ser pessoa plena, exercendo todo esse potencial de crescimento. Trata-se de uma liberdade existencial. "Não significa carência absoluta de determinantes extrínsecos, mas vivência subjetiva da opção e da responsabilidade".²⁰

No pensamento rogeriano, a realidade é um fenômeno subjetivo, onde cada ser humano reconstrói, em si mesmo, o mundo exterior. "Há em cada indivíduo uma consciência que lhe permite significar e optar. Essa consciência autônoma e interna é a liberdade..."²¹

Rogers descreve liberdade como sendo "essencialmente algo íntimo, alguma coisa que existe na pessoa viva, independentemente de qualquer das escolhas de alternativas como constituintes da liberdade".²² É uma liberdade íntima, subjetiva e existencial. "É a descoberta do sentido interior, sentido que aparece quando se ouve, sensível e abertamente, as complexidades da vivência. É o peso de ser responsável pelo eu que a pessoa decide ser".²³

"Estamos falando de algo que existe no íntimo do indivíduo, de alguma coisa fenomenológica e não objetiva, mas a ser valorizada".²⁴

17. ROGERS, Carl. *Um jeito de ser*. São Paulo, EPU, 1983.

18. Id. *Ibid.*

19. GONDRA, José Maria. *Op. Cit.*

20. Id. *Ibid.*

21. LEITE, Ivanise. Apresentação da Edição Brasileira In: MILHOLLAN, Frank, e FORISHA, Bill *Skinner X Rogers: Maneiras Contrastantes de Encarar a Educação*. São Paulo, Summus, 1978. p. 8.

22. ROGERS, Carl. Aprender a ser livre. In: ROGERS, Carl e STEVENS, Barry. *De Pessoa para Pessoa*. São Paulo, Pioneira, 1976, p. 59.

23. Id. *Ibid.*

24. Id. *Ibid.*

dis Rogers. "Portanto, estamos falando de uma liberdade que existe na pessoa subjetiva, uma liberdade que ela usa corajosamente para viver suas potencialidades. Estamos falando de uma liberdade em que o indivíduo procura realizar-se ao desempenhar um papel responsável e voluntário, ao provocar os acontecimentos do destino de seu mundo".²⁵ acrescenta.

A psicoterapia rogeriana tem como objetivo a facilitação da liberdade interior, visto que "a pessoa que é psicologicamente livre se encaminha numa direção que a leva a ser uma pessoa, a funcionar de um modo mais pleno".²⁶ Através da psicoterapia, o indivíduo tornar-se-á um organismo que funciona mais plenamente devido à consciência de si mesmo. E, "quanto mais a pessoa viver uma 'vida plena', mais experimentará a liberdade de escolha".²⁷

Na visão rogeriana, a liberdade é algo irreversível. Se alguém a tiver vivenciado, continuará sempre lutando por ela. Pode ser reprimida, mas não extinta. Nas palavras de Rogers: "a crença no valor da pessoa livre não é algo que possa ser extinto, nem mesmo por todos os modernos recursos tecnológicos — interceptação de conversas, uso de 'hospitais mentais' para recondicionar o comportamento, tortura elétrica e tudo o mais. Nada pode extinguir o impulso do organismo humano de ser ele mesmo — realizar-se de modo individual e criativo".²⁸

4. UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

O tema da liberdade, tão amplamente discutido e controvertido nas ciências humanas, aparece no pensamento de Carl Rogers através de uma psicoterapia da liberdade, que acabamos de expor. Enfoquemos, agora, uma perspectiva crítica deste conceito de liberdade.

Em primeiro lugar, devemos refletir a psicoterapia rogeriana enquanto uma proposta fundamentada no Liberalismo, como assinalamos anteriormente. Carl Rogers nasceu no início do século, exatamente na época em que explodem as idéias liberais. Seu pensamento encontra-se impregnado pelos valores liberais, a tal ponto que toma o conceito de liberdade como fundamento de sua proposta, defendendo a idéia de homem livre. Ora, como vimos, essa idéia de homem livre faz parte da filosofia capitalista, estando a seu serviço.

25. Id. *Ibid.*, p. 60.

26. ROGERS, Carl. *Tornar-se Pessoa*. São Paulo, Martins Fontes, 1961, p. 170.

27. Id. *Ibid.*, p. 171-172.

28. ROGERS, Carl. *Sobre o Poder Pessoal*. São Paulo, Martins Fontes, 1978, p. 246.

Em segundo lugar, o conceito rogeriano de liberdade, em si mesmo, merece ser questionado. Trata-se de uma liberdade subjetiva, íntima, interna. É uma liberdade tratada enquanto um conceito abstrato, referindo-se a um homem também abstrato. Como é que fica essa liberdade quando esse homem vive em um sistema social de classes que o oprime? Como é essa liberdade interior quando esse homem, também fruto desse sistema social, está amarrado a ele em todo o seu modo de ser, que nada tem de livre? Como é possível sentir-se livre quando não se tem as condições básicas de alimentação e habitação? Que liberdade é essa que, tantas vezes, impossibilita a escolha do mínimo de condições de vida? Que liberdade é essa que leva à opção do consumo e de relações alienadas entre os homens? Em que consiste uma liberdade subjetiva dentro de uma realidade social objetiva de divisão de classes? Como é possível ser livre interiormente sem sê-lo exteriormente?

O conceito de liberdade da Abordagem Centrada na Pessoa encontra-se permeado por uma visão subjetiva e a-histórica de homem e da realidade social. Para um homem subjetivo e a-histórico, pressupõe-se também uma liberdade subjetiva e a-histórica. Tudo se passa em uma dimensão abstrata que, distante da realidade concreta, é utópica e ilusória, podendo, desta forma, funcionar até como um instrumento de manutenção do *status quo*.

Uma perspectiva crítica do conceito de liberdade da Abordagem Centrada na Pessoa mostra que este está historicamente impregnado pelos valores liberais capitalistas. Mais precisamente, a Abordagem Centrada na Pessoa utiliza-se do conceito mesmo de liberdade utilizado pelo pensamento liberal, base filosófica do sistema de produção capitalista.

Ora, sabendo das intenções revolucionárias de Carl Rogers no que diz respeito às transformações sociais, vale a pena examinar cuidadosamente e repensar o conceito de liberdade da Abordagem Centrada na Pessoa, a partir dessa perspectiva crítica. Se queremos mudanças concretas, devemos ir além de Carl Rogers, não nos contentando com os conceitos abstratos como este de liberdade.

Precisamos partir para os caminhos de concretização do conceito de liberdade da Abordagem Centrada na Pessoa, passando, desta forma, a lidar com o homem concreto, objetivo, histórico. Então, passaremos às seguintes questões: é possível a superação do conceito subjetivo de liberdade na Abordagem Centrada na Pessoa? Como ultrapassá-lo, partindo para uma liberdade objetiva? É possível a existência de uma liberdade objetiva? Dentro de que condições histórico-sociais? Como seria uma psicoterapia da liberdade objetiva? E como, nesta perspectiva, reconstruir o conceito de liberdade da Abordagem Centrada na Pessoa?

5. CONCLUSÃO

A exposição e a crítica do conceito de liberdade da Abordagem Centrada na Pessoa mostra-nos que este merece ser questionado e repensado, se queremos caminhar no sentido de uma psicologia comprometida com a mudança social, se queremos, especialmente, pensar em uma psicologia humanista que tenda às necessidades da realidade latino-americana.

A crítica do conceito de liberdade da Abordagem Centrada na Pessoa é apenas um aspecto de todo o processo de crítica da Abordagem como um todo. Neste sentido, este trabalho, que restringe-se a simples reflexões sobre o assunto, é uma tentativa de contribuição a esse processo mais amplo, na busca de uma psicoterapia voltada para o homem concreto, histórico, no nosso caso, para o homem latino-americano, de terceiro mundo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BUSS, Alan. Humanistic Psychology as liberal ideology: The social roots of Maslow's Theory of Self Actualization. In: MAY, Rollo; ROGERS, Carl et alii. *American Politics and Psychology*. Dallas: Saybrook Publishing Company, 1984.
2. FROMM, Erich. *O Medo à Liberdade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
3. FUSTEL DE COULANGES, Numa Denis. *A Cidade Antiga*. São Paulo, Hemmus, 1966.
4. GONDRA, José Maria. *La Psicoterapia de Carl Rogers*. Espanha, Desclee de Bilbao, 1970.
5. JACOBY, Russel. *Amnésia Social: Uma Crítica à Psicologia Conformista de Adler a Laing*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
6. LEITE, Ivanise. Apresentação da Edição Brasileira. In: MILHOLLAN, Frank e FORISHA, Bill. *Skinner X Rogers: Maneiras Contrastantes de Encarar a Educação*. São Paulo, Summus, 1978.
7. MILL, Stuart. *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
8. ROGERS, Carl. *Tornar-se Pessoa*. São Paulo, Martins Fontes, 1961.
9. ————. Aprender a ser livre. In: ROGERS, Carl e STEVENS, Barry. *De Pessoa para Pessoa*. São Paulo, Pioneira, 1976.
10. ————. Definições das noções teóricas. In: ROGERS, Carl e KINGET, G. Marian. *Psicoterapia e Relações Humanas*. Vol. I, Belo Horizonte, Interlivros, 1977.
11. ————. O funcionamento ótimo da personalidade. In: ROGERS, Carl e KINGET, Marian. *Psicoterapia e Relações Humanas*. Vol. I, Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

12. ————. *Em retrospecto quarenta e seis anos*. In: ROGERS, Carl e ROSENBERG, Rachel. *A Pessoa como Centro*. São Paulo, EPU, 1977.
13. ————. *Sobre o Poder Pessoal*. São Paulo, Martins Fontes, 1978.
14. ————. *Um Novo Mundo — Uma Nova Pessoa*. In: ROGERS, Carl et alii. *Em Busca de Vida: da Terapia Centrada no Cliente à Abordagem Centrada na Pessoa*. São Paulo, Summus, 1983.
15. ROGERS, Carl. *Um Jeito de Ser*. São Paulo, EPU, 1983.
16. ————. *The Person*. In: MAY, Rollo; ROGERS, Carl et alii. *Politics and Humanistic Psychology*. Dallas, Saybrook Publishing Company, 1984.
17. RUBINSTEIN, S. L. *El Ser y la Conciência*. La Habana, Editorial Pueblo y Educación, 1979.
18. SARTRE, Jean Paul e FERREIRA, Virgílio. *O Existencialismo é um Humanismo*. Lisboa, Editorial Presença Ltda., 1970.
19. SMITH, Adam. *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1979.